

Lançará três dobradinhas mas não fará coligação

Depois de uma árdua negociação entre suas 11 facções, onde muita gente teve que abrir mão de suas pretensões, o PMDB chegou a um consenso em torno de seis nomes para a disputa ao Senado. A estratégia é lançar três dobradinhas, juntando numa mesma chapa nomes de grande apelo popular com outros de maior peso junto ao eleitorado de classe média. Sem recorrer ao recurso da coligação, o

PMDB pretende preencher sozinho as três vagas destinadas ao DF no Senado contando com os nomes do deputado federal, Múcio Athaide, o ex-secretário de Serviços Públicos, Carlos Murilo; o ex-secretário de Educação, Pompeu de Souza; o líder da Ala Progressista, Maerle Ferreira Lima; o radialista Meira Filho; e o presidente da Associação Comercial, Lindberg Aziz Cury.

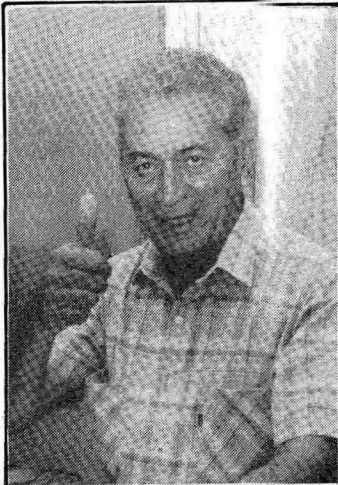
Meira Filho, 62 anos, paraibano, radialista da Rádio Planalto — Através do programa que leva ao ar todas as manhãs pela Rádio Planalto, tornou-se um dos mais fortes candidatos ao Senado. Jornalista, radialista e publicitário, chegou à cidade em 58 como locutor da Voz do Brasil junto com Juscelino Kubitschek. Até então, já havia passado por todas as grandes rádios do Rio de Janeiro, tendo fundado a Rádio Relógio juntamente com Cesar Ladeira. Em 59 transferiu-se definitivamente para a cidade, onde sempre trabalhou em rádio e televisão. "O rádio é o mais importante veículo de comunicação, pois é autêntico, alcança o público e não exige a exclusividade do ouvinte", afirma.

Meira Filho chegou a se filiar ao PDT e cogitou a hipótese de se bandear para o PDC. Dentro do PDT, por apoiar a Nova República e o pacote econômico, percebeu que não tinha espaço. No PDC as possibilidades de se eleger eram mais remotas pois o partido optou por não fazer coligações. Acabou ingressando no PMDB com a condição de ter garantida uma legenda para o Senado.

Múcio Athayde, mineiro, deputado federal por Rondônia — Nasceu numa família medianamente rica de Montes Claros, no interior de Minas, transferiu-se na década de 50 para Belo Horizonte onde trabalhava no ramo da construção civil. Eleito deputado federal por Minas no início da década de 60, construiu no Setor Comercial Sul os edifícios Márcia e Maristela — uma homenagem às filhas de Juscelino Kubitschek — os quais entregou aos compradores sem os elevadores previstos, despertando polêmicas que rendem ainda hoje.

Cassado pelo Ato Institucional nº 1 em abril de 64, foi para o Rio de Janeiro, onde lançou em 70 o projeto Centro da Barra, também conhecido como Athaydeville, que consistia em 71 edifícios de apartamentos integrados em condomínios. Só iniciou a construção de quatro prédios, através da Construtora Cristian Nielsen. O projeto foi posteriormente abandonado, criando problemas para quase mil famílias. Os detalhes dessa transação não são plenamente conhecidos.

No início dos anos 80, Múcio Athayde foi para Rondônia, onde comprou o jornal O Guaporé, amplamente utilizado em sua campanha a deputado federal pelo PMDB. Eleito em 82, transferiu-se para Brasília, deixando o jornal em crise com uma enorme dívida, inclusive em questões trabalhistas, conforme denúncia divulgada no



Na opinião do candidato, o eleitorado brasileiro, "o mais politizado do País", vai escolher os melhores políticos. Ele não descarta, entretanto, a possibilidade de surpresas. Na campanha, Meira pretende utilizar a criatividade e know-how das agências de publicidade da cidade, onde cultiva muitos amigos. Em vez do discurso, Meira afirma que vai usar fundamentalmente a conversa para atrair seus eleitores, a quem só faz uma promessa: "trabalhar pela democratização do País".



jornal do Sindicato dos Jornalistas do DF.

No ano passado, Múcio comprou uma emissora de rádio FM e um canal de televisão em Goiânia, além do jornal Última Hora de Brasília (Hoje Correio do Brasil), que tem servido como seu principal instrumento de campanha política. Sob sua inspiração foi fundada a Assembleia Comunitária, que congrega várias associações de moradores da cidade. Sua campanha tem sido direcionada basicamente para a população de baixa renda das cidades-satélites, a quem vem distribuindo pão e leite.

Integrante do Diretório e da Comissão Executiva Regional do PMDB, Múcio Athayde recusou-se a dar entrevista ao CORREIO BRAZILIENSE sobre a sua campanha a senador.

Lindberg Aziz Cury, 51 anos, goiano, presidente da Associação Comercial do Distrito Federal — O primeiro contato de Lindberg com Brasília aconteceu em 57 quando seu pai, um comerciante de Anápolis, começou a trazer produtos para vender nos acampamentos de operários da cidade. Três anos depois ele se transferiu definitivamente para cá, onde montou a Planalto de Automóveis, naquela época uma pequena revendedora de carros.

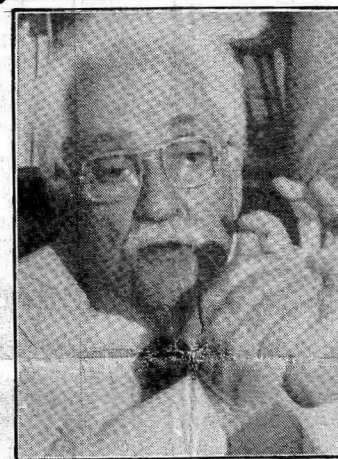
Há 10 anos presidente da Associação Comercial, Lindberg afirma que foi exatamente esta entidade que lançou pela primeira vez em 77 a proposta de autonomia política para a cidade. "Naquela época a idéia não foi bem compreendida pelo governo e acabou sendo rechaçada", lembra. Com o passar do tempo, no entanto, a proposta foi ganhando mais e mais adeptos, num processo que acabou desaguando na aprovação de emenda constitucional no ano passado, prevendo a eleição de deputados e senadores para o DF.

As propostas de Lindberg como candidato estão basicamen-



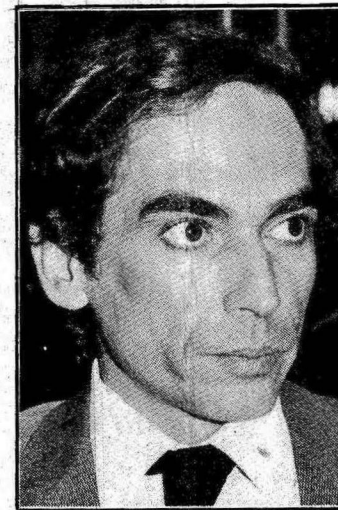
te voltadas para o Distrito Federal: industrialização a partir da implantação de um pólo de informática e de indústrias de transformação, ampliação do apoio às microempresas, agilização das atividades da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo e ampliação da representação política com eleição de vereadores e administradores regionais nas satélites, Assembleia Legislativa e governador.

Pompeu de Sousa, 70 anos, cearense, ex-secretário de Educação — Misto de professor e jornalista, estabeleceu-se em Brasília a 6 de setembro de 1961, quando tomava posse no gabinete parlamentarista o ex-presidente Tancredo Neves. Antes disso, porém, construiu uma bem-sucedida carreira de jornalista no extinto Diário Carioca, onde chegou a diretor-presidente no fim do Estado Novo. Fundador da Universidade de Brasília, ex-presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Sindicato dos Escritores e do PMDB-DF, participante do Conselho Superior de Censura, Pompeu pretende defender no Congresso, caso seja eleito, um princípio que acompanha toda sua vida: "A legitimidade dos mandatos populares, sem deturpação nem influências espú-



rias". A defesa dos direitos humanos, ai entendidos o direito ao emprego, ao bom salário, à saúde, à educação e à habitação, será ponto importante na campanha de Pompeu.

Maerle Ferreira Lima, 39 anos, pernambucano, líder da Ala Progressista — Nasceu em uma família de políticos — ele é irmão do deputado federal cassado Maurílio Ferreira Lima — Maerle ingressou cedo na militância. Líder estudantil na Universidade Católica do Recife, onde fazia o curso de Sociologia, foi obrigado a fugir do País tão logo foi decretado o AI-5 em dezembro de 68. De volta ao Brasil em 79, foi um dos fundadores do Centro Brasil Democrático (Cebade) e do PMDB do Distrito Federal. Como um "candidato progressista", Maerle é favorável à realização de reformas estruturais na sociedade brasileira.



Carlos Murilo, 58 anos, mineiro, ex-secretário de Serviços Públicos — Começou cedo sua carreira política. Em 54, elegeu-se deputado estadual pelo PSD. Quatro anos depois chegava à Câmara dos Deputados, onde permaneceu como deputado federal até 69, quando foi cassado já no antigo MDB. Carlos Murilo veio a Brasília pela primeira vez em 56 juntamente com Juscelino Kubitschek. Com a cassação, perdeu o cartório que tinha em Belo Horizonte, recuperado somente em 80 quando foi anistia-

do. No palanque, Carlos Murilo pretende defender uma linha nacionalista. "Precisamos recuperar o prestígio nacional através da renegociação decente da dívida externa".

